

OTHO RÜHLE E O MOVIMENTO OPERÁRIO ALEMÃO¹

PARTE I

Paul Mattick²

A atividade de Otto Rühle no Movimento Trabalhista Alemão estava relacionada ao trabalho de pequenas e restritas minorias dentro e fora das organizações oficiais de trabalho. Os grupos aos quais aderiu diretamente não eram, em momento algum, de significância real. E mesmo dentro desses grupos, ocupava uma posição peculiar. Ele nunca poderia se identificar completamente com qualquer organização. Ele nunca perdeu de vista os interesses gerais da classe trabalhadora, não importando qual estratégia política específica defendesse em um determinado momento. Ele não podia considerar as organizações como um fim em si mesmas, mas meramente como meios para o estabelecimento de relações sociais reais e para o desenvolvimento mais pleno do indivíduo. Devido a essa visão ampla da vida, às vezes era suspeito de apostasia, mas morreu enquanto vivia - um socialista no verdadeiro sentido da palavra.

Hoje todo programa e designação perdeu seu significado; socialistas falam em termos capitalistas, capitalistas em termos socialistas e todo mundo acredita em qualquer coisa e em nada. Essa situação é apenas o clímax de um longo desenvolvimento iniciado pelo próprio movimento operário. Agora está bem claro que, no movimento trabalhista tradicional, somente aqueles que se opuseram às suas organizações antidemocráticas e suas táticas podem ser apropriadamente chamadas de socialistas. Os líderes trabalhistas de ontem e de hoje não representavam nem representam um movimento operário, mas apenas um movimento capitalista de trabalhadores. Somente fora do movimento operário, foi possível trabalhar em direção a mudanças sociais decisivas. O fato de que, mesmo

¹ O alemão Otho Rühle (1874-1943) foi fundador (junto com Karl Liebknecht, Rosa Luxemburgo, entre outros) da Liga Espartaquista (1916). Extraído de: *Comunismo Anti-Bolchevique*. Londres: Merlin Press, 1978. Tradução do original em inglês de Angélica Lovatto.

² Paul Mattick (1904-1981). Nasce na Alemanha, exila-se a maior parte de sua vida nos Estados Unidos da América. Foi militante espartaquista. Ao abandonar a Liga, adere ao Comunismo de Conselhos. Torna-se delegado do Conselho Operário das fábricas Siemens no período da Revolução Alemã de 1918.

dentro das organizações trabalhistas dominantes, Rühle permaneceu uma pessoa de fora, atesta sua sinceridade e integridade.

O movimento trabalhista oficial não funcionava de acordo com sua ideologia original nem com seus interesses imediatos reais. Por um tempo, serviu como um instrumento de controle das classes dominantes. Primeiro perdendo sua independência, logo perderia sua própria existência. Os interesses adquiridos sob o capitalismo podem ser mantidos apenas pelo acúmulo de poder. O processo de concentração de capital e poder político força qualquer movimento socialmente importante a tentar destruir o capitalismo ou servi-lo consistentemente. O antigo movimento operário não pôde fazer o segundo e não estava disposto nem apto a fazer o primeiro. O conteúdo, para ser um monopólio entre outros, foi deixado de lado pelo desenvolvimento capitalista em direção ao controle monopolista dos monopólios.

Essencialmente, a história do antigo movimento operário é a história do mercado capitalista, abordada do ponto de vista "proletário". As chamadas leis de mercado deveriam ser utilizadas em favor da mercadoria, a força de trabalho. Ações coletivas deveriam levar ao maior salário possível. O "poder econômico" obtido dessa maneira deveria ser assegurado por meio de reformas sociais. Para obter os maiores lucros possíveis, os capitalistas aumentaram o controle organizado sobre o mercado. Mas essa oposição entre capital e trabalho também expressava uma identidade de interesses. Ambos os lados fomentaram a reorganização monopolista da sociedade capitalista, embora, por certo, por trás de suas atividades conscientemente dirigidas, finalmente houvesse apenas a necessidade expansiva do próprio capital.

Além do fetichismo-mercadoria, qualquer que seja o significado que as leis de mercado possam ter em relação a fortunas e perdas especiais, e no entanto elas possam ser manipuladas por um ou outro grupo de interesse, sob nenhuma circunstância elas podem ser usadas em favor da classe trabalhadora como um todo. Não é o mercado que controla o povo e determina as relações sociais predominantes, mas sim o fato de que um grupo separado na sociedade possui ou controla tanto os meios de produção quanto os instrumentos de repressão. Situações de mercado, sejam elas quais forem, sempre favorecem o capital. E se não o fizerem, serão alterados, separados ou complementados com poderes mais diretos, mais vigorosos e mais básicos, inerentes à propriedade ou controle dos meios de produção.

Para superar o capitalismo, são necessárias ações externas às relações mercado-trabalho-capital, ações que eliminam o mercado e as relações de classe. Restrito a ações dentro da estrutura do capitalismo, o antigo movimento operário lutou desde o início em termos desiguais. Estava destinado a destruir a si mesmo ou a ser destruído de fora. Estava destinada a ser desmantelada internamente por sua própria oposição revolucionária, que daria origem a novas organizações, ou condenada a ser destruída pela mudança capitalista de um mercado para uma economia de mercado controlado e pelas alterações políticas que o acompanham. Na verdade, o último aconteceu, pois a oposição revolucionária dentro do movimento trabalhista não conseguiu crescer. Tinha voz, mas sem poder e sem futuro imediato. Como a classe trabalhadora tinha acabado de passar meio século entrincheirando seu inimigo capitalista e construindo uma enorme prisão para si mesmo na forma do movimento trabalhista. É, portanto, ainda necessário destacar homens como Otto Rühle para descrever a moderna oposição revolucionária, embora tal escolha seja completamente contrária ao seu próprio ponto de vista e às necessidades dos trabalhadores que precisam aprender a pensar em termos de classes e não em termos de personalidades revolucionárias.

II

A primeira guerra mundial e a reação positiva do movimento operário ao massacre surpreenderam apenas aqueles que não entenderam a sociedade capitalista e o movimento trabalhista bem-sucedido dentro de seus limites. Mas apenas alguns realmente entenderam. Assim como a oposição pré-guerra dentro do movimento trabalhista pode ser posta em foco mencionando os produtos literários e científicos de alguns indivíduos entre os quais Rühle deve ser contado, assim a 'oposição dos trabalhadores' à guerra também pode ser expressa em nomes como Liebknecht, Luxemburgo, Mehring, Rühle e outros. É bastante revelador que a atitude anti-guerra, para ser eficaz, tenha primeiro que encontrar autorização parlamentar. Tinha que ser dramatizado no palco de uma instituição burguesa, indicando assim suas limitações desde o início. De fato, serviu apenas como um precursor do movimento de paz liberal-burguês que finalmente conseguiu acabar com a guerra sem perturbar o status quo capitalista. Se, no início, a maioria dos trabalhadores estava por trás da maioria da guerra, eles não estavam menos atrás da atividade anti-guerra de sua burguesia, que terminou na República de Weimar. Os slogans contra a

guerra, embora criados por revolucionários, serviam apenas a um tipo particular de política burguesa e acabaram onde começaram: no parlamento democrático burguês.

A verdadeira oposição à guerra e ao imperialismo veio à tona nas deserções do exército e da fábrica e no crescente reconhecimento por parte de muitos trabalhadores de que sua luta contra a guerra e a exploração deve incluir a luta contra o antigo movimento trabalhista e todos os seus conceitos. Em favor de Rühle está o fato de que seu próprio nome desapareceu rapidamente da lista de honra da oposição da guerra. É claro, é claro, que Liebknecht e Luxemburgo foram celebrados até o início da Segunda Guerra Mundial apenas porque morreram muito antes de o mundo em guerra ter sido restaurado à "normalidade" e estava novamente precisando de heróis trabalhistas mortos para apoiar a guerra. líderes de trabalhadores vivos que levaram a cabo uma política "realista" de reformas ou serviram à política externa da Rússia bolchevique.

A primeira guerra mundial revelou mais do que qualquer outra coisa que o movimento operário era parte e parcela da sociedade burguesa. As várias organizações em cada nação provaram que não tinham nem a intenção nem os meios para lutar contra o capitalismo, que estavam interessados apenas em assegurar sua própria existência dentro da estrutura capitalista. Na Alemanha isso era especialmente óbvio, porque dentro do movimento internacional as organizações alemãs eram as maiores e mais unificadas. Para sustentar o que havia sido construído desde as leis anti-socialistas de Bismarck, a oposição minoritária dentro do partido socialista exibiu um autocontrole até certo ponto desconhecida em outros países. Mas, então, a oposição russa exilada tinha menos a perder; além disso, havia se separado dos reformistas e dos colaboradores de classe uma década antes do início da guerra. E é muito difícil ver nos argumentos pacíficos do Partido Trabalhista Independente qualquer oposição real ao patriotismo social que saturou o movimento trabalhista britânico. Mas mais se esperava da esquerda alemã do que de qualquer outro grupo dentro da Internacional, e seu comportamento no início da guerra foi, portanto, particularmente decepcionante. Além das condições psicológicas dos indivíduos, esse comportamento era o produto do fetichismo-organização que prevalecia no movimento. e seu comportamento na eclosão da guerra foi, portanto, particularmente decepcionante. Além das condições psicológicas dos indivíduos, esse comportamento era o produto do fetichismo-organização que prevalecia no movimento. e seu comportamento na eclosão da guerra foi, portanto, particularmente

decepcionante. Além das condições psicológicas dos indivíduos, esse comportamento era o produto do fetichismo-organização que prevalecia no movimento.

Esse fetichismo exigia disciplina e adesão estrita às fórmulas democráticas - a minoria deve se submeter à vontade da maioria. E embora seja claro que sob condições capitalistas essas fórmulas democráticas meramente escondem fatos em contrário, a oposição não conseguiu perceber que a democracia dentro do movimento trabalhista não diferia da democracia burguesa em geral. Uma minoria possuía e controlava as organizações assim como a minoria capitalista possui e controla os meios de produção e o aparato estatal. Em ambos os casos, as minorias em virtude desse controle determinam o comportamento das majorias. Mas pela força dos procedimentos tradicionais, em nome da disciplina e da unidade, desconfortáveis e contra o seu melhor conhecimento, a minoria anti-guerra apoiou o chauvinismo social-democrata.

Na primavera de 1915, Liebknecht e Rühle foram os primeiros a votar contra a concessão de créditos de guerra ao governo. Permaneceram sozinhos por algum tempo e encontraram novos companheiros apenas na medida em que as chances de uma paz vitoriosa desapareceram no impasse militar. Depois de 1916, a atitude anti-guerra radical foi apoiada e logo engolida por um movimento burguês em busca de uma paz negociada, um movimento que, finalmente, herdaria o falido estoque do imperialismo alemão.

Como violadores da disciplina, Liebknecht e Rühle foram expulsos da facção social-democrata do Reichstag. Juntamente com Rosa Luxemburgo, Franz Mehring e outros, mais ou menos esquecidos, organizaram o grupo Internationale, publicando uma revista do mesmo título para defender a ideia de internacionalismo no mundo em guerra. Em 1916, eles organizaram o Spartakusbund, que cooperou com outras formações de esquerda, como a Internationale Sozialist, com Julian Borchardt como seu porta-voz, e o grupo em torno de Johann Knief e do jornal radical Bremen, Arbeiterpolitik. Em retrospecto, parece que o último grupo identificado foi o mais avançado, isto é, avançado longe das tradições social-democratas e em direção a uma nova abordagem para a luta de classes proletária. O quanto o Spartakusbund ainda aderiu à organização e unidade fetichista que governou o movimento trabalhista alemão veio à luz em sua atitude vacilante em relação às primeiras tentativas de reorientar o movimento socialista internacional em Zimmerwald e Kienthal. Os espartaquistas não eram a favor de uma ruptura clara com o antigo movimento operário na direção do exemplo anterior bolchevique. Eles ainda esperavam conquistar o partido para sua própria posição e

cuidadosamente evitavam políticas irreconciliáveis. Em abril de 1917, o Spartakusbund fundiu-se com os Socialistas Independentes (Unabhängige Sozialdemokratische Partei Deutschlands), que formaram o centro do antigo movimento trabalhista, mas não estavam mais dispostos a encobrir o chauvinismo da ala majoritária conservadora do partido social-democrata.

III

Dentro do Spartakusbund, Otto Rühle compartilhava a posição de Liebknecht e Rosa Luxemburg, atacada pelos bolcheviques como incoerente. E inconsistente foi apenas por razões pertinentes. À primeira vista, a principal razão parecia basear-se na ilusão de que o Partido Social-Democrata poderia ser reformado. Com a mudança das circunstâncias, esperava-se, as massas deixariam de seguir seus líderes conservadores e apoiar a ala esquerda do partido. E embora tais ilusões existissem, primeiro em relação ao partido antigo e depois em relação aos socialistas independentes, elas não explicam completamente a hesitação por parte dos líderes espartaquistas de adotar os caminhos do bolchevismo. Na verdade, os espartaquistas enfrentaram um dilema, não importando em que direção eles estivessem. Ao não tentar - na hora certa - romper resolutamente com a social-democracia, perderam a chance de formar uma organização forte, capaz de desempenhar um papel decisivo nas convulsões sociais esperadas. No entanto, em vista da situação real na Alemanha, tendo em vista a história do movimento operário alemão, era muito difícil acreditar na possibilidade de formar rapidamente uma contraparte às organizações trabalhistas dominantes. É claro que poderia ter sido possível formar um partido de maneira leninista, um partido de revolucionários profissionais, disposto a usurpar o poder, se necessário, contra a vontade da maioria da classe trabalhadora. Mas isso era precisamente o que as pessoas ao redor de Rosa Luxemburgo não aspiravam. Ao longo dos anos de sua oposição ao reformismo e ao revisionismo, eles nunca haviam diminuído sua distância da "esquerda" russa, do conceito de organização e revolução de Lenin. Em pesadas controvérsias, Rosa Luxemburgo havia assinalado que os conceitos de Lênin eram de natureza jacobina e inaplicáveis na Europa Ocidental, onde não era uma revolução burguesa, mas uma revolução proletária, a ordem do dia. Embora também falasse da ditadura do proletariado, significava para ela, em distinção a Lênin, "a maneira como a democracia é empregada, não em sua abolição - deveria ser o trabalho da classe, e não de uma pequena minoria em nome da classe".

Com entusiasmo, como Liebknecht, Luxemburgo e Rühle saudaram a derrubada do czarismo, eles não perderam suas capacidades críticas, nem esqueceram o caráter do partido bolchevique, nem as limitações históricas da Revolução Russa. Mas, independentemente das realidades imediatas e do resultado final dessa revolução, ela deveria ser apoiada como uma primeira ruptura na falange imperialista e como precursora da esperada revolução alemã. Destes últimos, muitos sinais apareceram em greves, motins de fome, motins e todos os tipos de resistências passivas. Mas a crescente oposição à guerra e à ditadura de Ludendorff não encontrou expressão organizacional de forma significativa. Em vez de ir para a esquerda, as massas seguiram suas antigas organizações, que se alinharam com a burguesia liberal.

A revolução alemã parecia ser mais significativa do que realmente era. O entusiasmo espontâneo dos trabalhadores foi mais para acabar com a guerra do que para mudar as relações sociais existentes. Suas demandas, expressas através dos conselhos de trabalhadores e soldados, não transcenderam as possibilidades da sociedade burguesa. Mesmo a minoria revolucionária, e particularmente o Spartakusbund, não conseguiu desenvolver um programa revolucionário consistente. Suas demandas políticas e econômicas eram de natureza dupla; eles foram construídos para servir como demandas a serem acordadas pela burguesia e seus aliados socialdemocratas, e como slogans de uma revolução que deveria acabar com a sociedade burguesa e seus partidários.

É claro que, no oceano da mediocridade que foi a revolução alemã, havia correntes revolucionárias que aqueciam os corações dos radicais e os induziam a empreender ações historicamente bem fora de lugar. Sucessos parciais, devido ao atordoamento temporário das classes dominantes e à passividade geral das grandes massas - exauridos por quatro anos de fome e guerra - alimentaram a esperança de que a revolução terminasse em uma sociedade socialista. Somente ninguém realmente sabia como seria a sociedade socialista, que medidas deveriam ser tomadas para levá-la à existência. “Todo poder para os conselhos de trabalhadores e soldados”, por mais atraente que seja o slogan, deixa abertas todas as questões essenciais. As lutas revolucionárias que se seguiram a novembro de 1918 não foram, portanto, determinadas pelos planos conscientemente inventados da minoria revolucionária, mas foram impostas pela contra-revolução, que se desenvolvia lentamente e que era apoiada pela maioria do povo. O fato era que as amplas massas alemãs dentro e fora do movimento trabalhista não esperavam o estabelecimento de uma nova sociedade, mas de trás para a restauração do capitalismo liberal sem seus aspectos

ruins, suas desigualdades políticas, seu militarismo e imperialismo. Eles apenas desejavam a conclusão das reformas iniciadas antes da guerra que foram projetadas para conduzir a um sistema capitalista benevolente. O fato era que as amplas massas alemãs dentro e fora do movimento trabalhista não esperavam o estabelecimento de uma nova sociedade, mas de trás para a restauração do capitalismo liberal sem seus aspectos ruins, suas desigualdades políticas, seu militarismo e imperialismo. Eles apenas desejavam a conclusão das reformas iniciadas antes da guerra que foram projetadas para conduzir a um sistema capitalista benevolente. O fato era que as amplas massas alemãs dentro e fora do movimento trabalhista não esperavam o estabelecimento de uma nova sociedade, mas de trás para a restauração do capitalismo liberal sem seus aspectos ruins, suas desigualdades políticas, seu militarismo e imperialismo. Eles apenas desejavam a conclusão das reformas iniciadas antes da guerra que foram projetadas para conduzir a um sistema capitalista benevolente.

A ambigüidade que caracterizou a política do Spartakusbund foi em grande parte o resultado do conservadorismo das massas. Os líderes espartaquistas estavam prontos, por um lado, a seguir o claro curso revolucionário desejado pela chamada "ultra-esquerda" e, por outro lado, tinham certeza de que tal política não poderia ser bem sucedida em vista da massa predominante.

O efeito da Revolução Russa sobre a Alemanha dificilmente foi notado. Tampouco havia qualquer razão para esperar que uma mudança radical na Alemanha tivesse qualquer repercussão na França, na Inglaterra e na América. Se tivesse sido difícil para os Aliados interferirem decisivamente na Rússia, eles enfrentariam menores dificuldades em esmagar uma revolta comunista alemã. Emergindo da guerra vitoriosa, o capitalismo dessas nações foi enormemente fortalecido; não havia nenhuma indicação real de que suas massas patrióticas se recusariam a lutar contra uma Alemanha revolucionária mais fraca. De qualquer forma, além de tais considerações, havia poucas razões para acreditar que as massas alemãs, empenhadas em se livrar de suas armas, retomassem a guerra contra o capitalismo estrangeiro a fim de se livrarem das suas. A política que aparentemente era a mais "realista" para lidar com a situação internacional e que logo seria proposta por Wolffheim e Laufenberg sob o nome de nacional-bolchevismo ainda era irrealista em vista das verdadeiras relações de poder após a guerra. O plano de retomar a guerra com a ajuda da Rússia contra o capitalismo aliado não levou em consideração que os bolcheviques não estavam preparados nem aptos a

participar de tal aventura. É claro que os bolcheviques não eram contrários à Alemanha ou a qualquer outra nação que criasse dificuldades para os imperialistas vitoriosos, mas não encorajavam a ideia de uma nova guerra em larga escala para levar adiante a "revolução mundial". Eles desejavam apoio para seu próprio regime, cuja permanência ainda era questionada pelos próprios bolcheviques, mas eles não estavam interessados em apoiar revoluções em outros países por meios militares. Ambos seguirem um curso nacionalista, independente da questão das alianças, e unir a Alemanha mais uma vez por uma guerra de "libertação" da opressão estrangeira estava fora de questão porque essas camadas sociais que os "revolucionários nacionais" teriam para vencer a causa deles estavam precisamente as pessoas que acabaram com a guerra antes da derrota completa dos exércitos alemães, a fim de impedir uma nova disseminação do "bolchevismo". Incapazes de se tornar os mestres do capitalismo internacional, eles preferiram se manter como seus melhores servos. No entanto, não havia como lidar com questões internas alemãs que não envolvessem uma política externa definida.

A necessidade de considerar seriamente as relações internacionais nunca surgiu, no entanto, para a esquerda alemã. Talvez essa tenha sido a indicação mais clara de sua insignificância. Nem a questão sobre o que fazer com o poder político, uma vez que foi captado, foi levantado concretamente. Ninguém parecia acreditar que essas perguntas precisariam ser respondidas. Liebknecht e Luxemburgo tinham certeza de que um longo período de lutas de classes estava enfrentando o proletariado alemão, sem nenhum sinal de uma vitória inicial. Eles queriam fazer o melhor possível, sugerindo um retorno ao parlamento e ao trabalho sindical. No entanto, em suas atividades anteriores, eles já haviam ultrapassado as fronteiras da política burguesa; eles não podiam mais voltar para as prisões da tradição. Eles haviam reunido em torno de si o elemento mais radical do proletariado alemão que estava determinado a considerar qualquer luta a luta final contra o capital. Esses trabalhadores interpretaram a revolução russa de acordo com suas próprias necessidades e sua própria mentalidade; eles se importavam menos com as dificuldades que ocorriam no futuro do que com a destruição tão rápida quanto possível das forças do passado. Havia apenas dois caminhos abertos aos revolucionários: ou descer com as forças cuja causa é perdida antecipadamente, ou retornar ao rebanho da democracia burguesa e realizar trabalho social para as classes dominantes. Para o verdadeiro revolucionário, havia apenas um caminho: descer com os combatentes. É por isso que Eugen Levine falou do revolucionário como "uma pessoa morta em folga", e por

que Rosa Luxemburgo e Liebknecht morreram quase sonambulicamente. É um mero acidente que Otto Rühle e muitos outros da esquerda determinada permaneceram vivos.

IV

O fato de a burguesia internacional poder concluir sua guerra com não mais do que a perda temporária de negócios russos determinou toda a história do pós-guerra até a segunda guerra mundial. Em retrospecto, as lutas do proletariado alemão de 1919 a 1923 parecem menores atritos que acompanharam o processo de reorganização capitalista que se seguiu à crise de guerra. Mas sempre houve uma tendência a considerar os subprodutos de mudanças violentas na estrutura capitalista como expressões da vontade revolucionária do proletariado. Os otimistas radicais, no entanto, estavam apenas assobiando no escuro. A escuridão é real, com certeza, e o barulho é encorajador, mas a esta hora tardia não há necessidade de levar isso muito a sério. Tão impressionante quanto o registro de Otto Rühle como revolucionário prático pode ser, tão emocionante quanto recordar as ações proletárias em Dresden, na Saxônia, na Alemanha - as reuniões, manifestações, greves, brigas de rua, as discussões acaloradas: as esperanças, medos e decepções, a amargura da derrota e a dor da prisão e a morte - mas nenhuma lição, a não ser as lições negativas, pode ser tirada de todos esses empreendimentos. Toda a energia e todo o entusiasmo não foram suficientes para provocar uma mudança social nem para alterar a mente contemporânea. A lição aprendida foi como não proceder. Como perceber as necessidades revolucionárias do proletariado não foi descoberto. a amargura da derrota e a dor da prisão e da morte - mas nenhuma lição, a não ser as lições negativas, pode ser tirada de todos esses empreendimentos. Toda a energia e todo o entusiasmo não foram suficientes para provocar uma mudança social nem para alterar a mente contemporânea. A lição aprendida foi como não proceder. Como perceber as necessidades revolucionárias do proletariado não foi descoberto. a amargura da derrota e a dor da prisão e da morte - mas nenhuma lição, a não ser as lições negativas, pode ser tirada de todos esses empreendimentos. Toda a energia e todo o entusiasmo não foram suficientes para provocar uma mudança social nem para alterar a mente contemporânea. A lição aprendida foi como não proceder. Como perceber as necessidades revolucionárias do proletariado não foi descoberto.

As sublevações emocionais proporcionaram um incentivo sem fim para a pesquisa. A revolução, que por tanto tempo fora mera teoria e uma vaga esperança,

aparecera por um momento como uma possibilidade prática. A chance tinha sido perdida, sem dúvida, mas voltaria a ser melhor utilizada na próxima vez. Se não o povo, pelo menos os "tempos" eram revolucionários e as condições de crise prevalecentes mais cedo ou mais tarde revolucionariam as mentes dos trabalhadores. Se as ações tivessem sido encerradas pelos esquadrões de fogo da polícia social-democrata, se a iniciativa dos trabalhadores fosse mais uma vez destruída pela emasculação de seus conselhos por legalização, se seus líderes estavam novamente atuando não com a classe, mas "em nome da classe" nas várias instituições capitalistas - a guerra revelou que as contradições capitalistas fundamentais não podiam ser resolvidas e que as condições de crise eram agora as condições normais do capitalismo. Novas ações revolucionárias eram prováveis e encontrariam os revolucionários melhor preparados.

Embora as revoluções na Alemanha, Áustria e Hungria tivessem fracassado, ainda havia a Revolução Russa para lembrar ao mundo a realidade das reivindicações proletárias. Todas as discussões giraram em torno dessa revolução, e com razão, pois essa revolução foi determinar o curso futuro da esquerda alemã. Em dezembro de 1918, o Partido Comunista da Alemanha foi formado. Após o assassinato de Liebknecht e Luxemburgo, foi liderado por Paul Levi e Karl Radek. Essa nova liderança foi imediatamente atacada por uma oposição de esquerda dentro do partido ao qual Rühle pertencia, por causa de sua tendência a advogar um retorno às atividades parlamentares. Na fundação do partido, seus elementos radicais haviam conseguido dar-lhe um caráter anti-parlamentarista e um amplo controle democrático em distinção ao tipo de organização leninista. Uma política anti-sindical também foi adotada. Liebknecht e Luxemburgo subordinaram suas próprias visões divergentes às da maioria radical. Não é assim Levi e Radek. Já no verão de 1919, eles deixaram claro que iriam dividir o partido para participar das eleições parlamentares. Simultaneamente, começaram a se propagar para o retorno ao trabalho sindical, apesar do fato de o partido já estar engajado na formação de novas organizações, não mais baseadas em negócios ou mesmo indústrias, mas em fábricas. Essas organizações fabris foram combinadas em uma organização de classe, a União Geral dos Trabalhadores (Allgemeine Arbeiter Union Deutschlands). Na convenção de Heidelberg, em outubro de 1919, todos os delegados que discordaram do novo comitê central e mantiveram a posição assumida na fundação do Partido Comunista foram expulsos. Em fevereiro, o comitê central decidiu se livrar de todos os distritos controlados pela oposição de esquerda. A "oposição" tinha por sua vez o departamento

de Amsterdã da Internacional Comunista, que levou à dissolução daquela agência pela Internacional para apoiar a combinação Levi-Radek. E finalmente, em abril de 1920, a ala esquerda fundou o Partido Comunista dos Trabalhadores (Kommunistische Arbeiter Partei Deutschlands). Ao longo desse período, Otto Rühle estava do lado da oposição de esquerda. A "oposição" tinha por sua vez o departamento de Amsterdã da Internacional Comunista, que levou à dissolução daquela agência pela Internacional para apoiar a combinação Levi-Radek. E finalmente, em abril de 1920, a ala esquerda fundou o Partido Comunista dos Trabalhadores (Kommunistische Arbeiter Partei Deutschlands). Ao longo desse período, Otto Rühle estava do lado da oposição de esquerda. A "oposição" tinha por sua vez o departamento de Amsterdã da Internacional Comunista, que levou à dissolução daquela agência pela Internacional para apoiar a combinação Levi-Radek. E finalmente, em abril de 1920, a ala esquerda fundou o Partido Comunista dos Trabalhadores (Kommunistische Arbeiter Partei Deutschlands). Ao longo desse período, Otto Rühle estava do lado da oposição de esquerda.

O Partido Comunista dos Trabalhadores não percebeu ainda que sua luta contra os grupos em torno de Levi e Radek era a retomada da velha luta da esquerda alemã contra o bolchevismo, e em um sentido mais amplo contra a nova estrutura do capitalismo mundial que estava lentamente tomando forma. Foi decidido entrar na Internacional Comunista. Parecia ser mais bolchevique do que os bolcheviques. De todos os grupos revolucionários, por exemplo, foi o mais insistente na ajuda direta aos bolcheviques durante a guerra russo-polonesa. Mas a Internacional Comunista não precisou decidir novamente contra a "ultra-esquerda"; seus líderes haviam tomado sua decisão vinte anos antes. Mesmo assim, o comitê executivo da Internacional Comunista ainda tentava manter contato com o Partido Comunista dos Trabalhadores não só porque ainda continha a maioria do antigo Partido Comunista, mas também porque tanto Levi quanto Radek, embora fazendo o trabalho dos bolcheviques na Alemanha, foram os discípulos mais próximos não de Lênin, mas de Rosa Luxemburgo. No Segundo Congresso Mundial da Terceira Internacional, em 1920, os bolcheviques russos já estavam em posição de ditar a política da Internacional. Otto Rühle, presente no Congresso, reconheceu a impossibilidade de alterar esta situação e a necessidade imediata de combater a Internacional Bolchevique no interesse da revolução proletária. foram os discípulos mais próximos não de Lênin, mas de Rosa Luxemburgo. No Segundo Congresso Mundial da Terceira Internacional, em 1920, os bolcheviques russos já estavam em posição de ditar

a política da Internacional. Otto Rühle, presente no Congresso, reconheceu a impossibilidade de alterar esta situação e a necessidade imediata de combater a Internacional Bolchevique no interesse da revolução proletária. Foram os discípulos mais próximos não de Lênin, mas de Rosa Luxemburgo. No Segundo Congresso Mundial da Terceira Internacional, em 1920, os bolcheviques russos já estavam em posição de ditar a política da Internacional. Otto Rühle, presente no Congresso, reconheceu a impossibilidade de alterar esta situação e a necessidade imediata de combater a Internacional Bolchevique no interesse da revolução proletária.

O Partido Comunista dos Trabalhadores enviou uma nova delegação a Moscou apenas para retornar com os mesmos resultados. Estas foram resumidas na *Carta Aberta de Herman Gorter a Lênin*, que respondeu ao *Comunismo da Esquerda de Lenin - Uma Desordem Infantil*. As ações da Internacional contra a "ultra-esquerda" foram as primeiras tentativas abertas de interferir e controlar todas as várias seções nacionais. A pressão sobre o Partido Comunista dos Trabalhadores para retornar ao parlamentarismo e ao sindicalismo aumentou constantemente, mas o Partido Comunista dos Trabalhadores retirou-se da Internacional após o seu Terceiro Congresso.

V

No Segundo Congresso Mundial, os líderes bolcheviques, para assegurar o controle da Internacional, propuseram vinte e uma condições de admissão à Internacional Comunista. Como controlavam o Congresso, não tiveram dificuldade em conseguir que essas condições fossem adotadas. Depois disso, a luta sobre as questões de organização que, vinte anos antes, haviam causado controvérsias entre Luxemburgo e Lênin, foi retomada abertamente. Por trás das questões organizacionais debatidas estavam, é claro, as diferenças fundamentais entre a revolução bolchevique e as necessidades do proletariado ocidental.

Para Otto Rühle, essas vinte e uma condições foram suficientes para destruir suas últimas ilusões sobre o regime bolchevique. Essas condições dotaram o executivo da Internacional, isto é, os líderes do partido russo, com total controle e autoridade sobre todas as seções nacionais. Na opinião de Lenin, não foi possível realizar a ditadura em escala internacional “sem um partido estritamente centralizado e disciplinado, capaz de liderar e administrar todos os ramos, todas as esferas, todas as variedades de trabalho

político e cultural”. Para Rühle, a princípio parecia que, por trás da atitude autocrática de Lênin, havia apenas a arrogância do vencedor que tentava transmitir ao mundo os métodos de luta e o tipo de organização que levava o poder aos bolcheviques. Essa atitude - que insistia em aplicar a experiência russa à Europa Ocidental, onde condições inteiramente diferentes prevaleciam - aparecia como um erro, um erro político, uma falta de compreensão das peculiaridades do capitalismo ocidental e o resultado da preocupação fanática de Lênin com os problemas russos. A política de Lênin parecia ser determinada pelo atraso do desenvolvimento capitalista russo e, embora tivesse de ser combatida na Europa Ocidental, uma vez que tendia a apoiar a restauração capitalista, não poderia ser chamada de força contra-revolucionária de direita. Essa visão benevolente da revolução bolchevique logo seria destruída pelas atividades posteriores dos próprios bolcheviques. falta de compreensão das peculiaridades do capitalismo ocidental e resultado da preocupação fanática de Lênin com os problemas russos. A política de Lênin parecia ser determinada pelo atraso do desenvolvimento capitalista russo e, embora tivesse de ser combatida na Europa Ocidental, uma vez que tendia a apoiar a restauração capitalista, não poderia ser chamada de força contra-revolucionária de direita. Essa visão benevolente da revolução bolchevique logo seria destruída pelas atividades posteriores dos próprios bolcheviques. falta de compreensão das peculiaridades do capitalismo ocidental e resultado da preocupação fanática de Lênin com os problemas russos. A política de Lênin parecia ser determinada pelo atraso do desenvolvimento capitalista russo e, embora tivesse de ser combatida na Europa Ocidental, uma vez que tendia a apoiar a restauração capitalista, não poderia ser chamada de força contra-revolucionária de direita. Essa visão benevolente da revolução bolchevique logo seria destruída pelas atividades posteriores dos próprios bolcheviques. não poderia ser chamada de força contra-revolucionária. Essa visão benevolente da revolução bolchevique logo seria destruída pelas atividades posteriores dos próprios bolcheviques. não poderia ser chamada de força contra-revolucionária. Essa visão benevolente da revolução bolchevique logo seria destruída pelas atividades posteriores dos próprios bolcheviques.

Os bolcheviques passaram de pequenos "erros" a "erros" sempre maiores. Embora o Partido Comunista Alemão, afiliado à Terceira Internacional, tenha crescido de forma constante, particularmente depois de sua unificação com os socialistas independentes, a classe proletária, já na defensiva, perdeu uma posição atrás da outra para as forças da reação capitalista. Competindo com o Partido Social-Democrata, o que representou parte

da classe média e da chamada aristocracia operária sindicalista, o Partido Comunista não podia deixar de crescer como essas camadas sociais que tornaram-se pauperizadas na depressão permanente em que o capitalismo alemão se encontrava. Com o crescimento constante do desemprego, a insatisfação com o status quo e seus partidários mais leais, os social-democratas alemães, também aumentaram.

Apenas o lado heroico da Revolução Russa foi popularizado, o verdadeiro caráter cotidiano do regime bolchevique foi escondido por seus amigos e inimigos. Pois, neste momento, o capitalismo de estado que se desdobrava na Rússia ainda era tão estranho para a burguesia, doutrinado com a ideologia do laissez-faire, quanto o socialismo propriamente dito. E o socialismo foi concebido pela maioria dos socialistas como uma espécie de controle estatal da indústria e dos recursos naturais. A Revolução Russa tornou-se um mito poderoso e habilmente promovido, aceito pelas seções empobrecidas do proletariado alemão para compensar sua crescente miséria. O mito foi reforçado pelos reacionários para aumentar o ódio dos seus seguidores pelos trabalhadores alemães e por todas as tendências revolucionárias em geral.

Contra o mito, contra o poderoso aparato de propaganda da Internacional Comunista que construiu o mito, que foi acompanhado e apoiado por uma ofensiva geral de capital contra o trabalho em todo o mundo - contra tudo isso, a razão não poderia prevalecer. Todos os grupos radicais à esquerda do Partido Comunista passaram da estagnação à desintegração. Não ajudava que esses grupos tivessem a política certa e o Partido Comunista a política "errada", pois nenhuma questão de estratégia revolucionária estava envolvida. O que estava acontecendo era que o capitalismo mundial estava passando por um processo de estabilização e se livrando dos elementos proletários perturbadores que, sob as condições de crise da guerra e do colapso militar, haviam tentado se afirmar politicamente.

A Rússia, que dentre todas as nações mais necessitava de estabilização, foi o primeiro país a destruir seu movimento operário por meio da ditadura do partido bolchevique. Sob as condições do imperialismo, no entanto, a estabilização interna só é possível pela política do poder externo. O caráter da política externa russa sob os bolcheviques foi determinado pelas peculiaridades da situação europeia do pós-guerra. O imperialismo moderno não está mais contente em apenas afirmar-se por meio de pressão militar e guerra real. A "quinta coluna" é a arma reconhecida de todas as nações. No entanto, a virtude imperialista de hoje ainda era uma necessidade absoluta para os

bolcheviques que tentavam se manter em um mundo de competição imperialista. Não havia nada de contraditório na política bolchevique de tirar todo o poder dos trabalhadores russos e, ao mesmo tempo, tentando construir organizações trabalhistas fortes em outras nações. Assim como essas organizações precisavam ser flexíveis para se movimentar de acordo com as necessidades políticas em mudança da Rússia, seu controle de cima tinha que ser rígido.

É claro que os bolcheviques não consideravam as várias seções de sua Internacional como meras legiões estrangeiras a serviço da pátria dos "trabalhadores". Eles acreditavam que o que ajudava a Rússia também servia de progresso em outros lugares. Eles acreditavam, e com razão, que a Revolução Russa havia iniciado um movimento geral e mundial do capitalismo monopolista ao capitalismo de estado, e sustentavam que esse novo estado de coisas era um passo na direção do socialismo. Em outras palavras, se não em suas táticas, então em sua teoria eles ainda eram social-democratas e do ponto de vista deles os líderes social-democratas eram realmente traidores de sua própria causa quando ajudavam a preservar o *laissez faire*. capitalismo de ontem. Contra a social-democracia, eles se sentiam como verdadeiros revolucionários; contra a "ultra-esquerda", sentiam-se realistas, os verdadeiros representantes do socialismo científico.

Mas o que eles pensavam de si mesmos e o que eles realmente eram são coisas diferentes. Na medida em que continuaram a entender mal sua missão histórica, estavam continuamente derrotando sua própria causa; na medida em que foram forçados a corresponder às necessidades objetivas de sua revolução, tornaram-se a maior força contra-revolucionária do capitalismo moderno. Lutando como verdadeiros social-democratas pelo predomínio no movimento socialista mundial, identificando os estreitos interesses nacionalistas. da Rússia capitalista de Estado com os interesses do proletariado mundial, e tentando manter a todo custo a posição de poder que haviam conquistado em 1917, eles estavam meramente preparando sua própria queda, que foi dramatizada em numerosas lutas faccionais, alcançou seu clímax em os julgamentos de Moscou,

Em vista desse desenvolvimento, o que foi mais importante que a implacável crítica de Otto Rühle às políticas reais dos bolcheviques na Alemanha e no mundo em geral foi seu reconhecimento precoce da real importância histórica do movimento bolchevique, isto é, da militância socialista. democracia. O que um movimento social-democrata conservador era capaz de fazer e de não fazer, os partidos da Alemanha, França

e Inglaterra revelaram com muita clareza. Os bolcheviques mostraram o que teriam feito se ainda fossem um movimento subversivo. Eles teriam tentado organizar o capitalismo desorganizado e substituir os empreendedores individuais pelos burocratas. - eles não tinham outros planos e mesmo estes eram apenas extensões do processo de cartelização, de confiança e centralização que ocorria em todo o mundo capitalista. Na Europa Ocidental, no entanto, os partidos socialistas não podiam mais agir de maneira bolchevique, pois sua burguesia já instituía esse tipo de "socialização" por conta própria. Tudo o que os socialistas podiam fazer era dar-lhes uma mão, isto é, crescer lentamente na emergente "sociedade socialista".

O significado do bolchevismo foi completamente revelado apenas com o surgimento do fascismo. Para combater este último, era necessário, nas palavras de Otto Rühle, reconhecer que “a luta contra o fascismo começa com a luta contra o bolchevismo”. À luz do presente, os grupos de "ultra-esquerda" na Alemanha e na Holanda devem ser considerados as primeiras organizações antifascistas, antecipando em sua luta contra os partidos comunistas a necessidade futura da classe trabalhadora de combater a forma fascista do capitalismo. . Os primeiros teóricos do antifascismo podem ser encontrados entre os porta-vozes das seitas radicais: Gorter e Pannekoek na Holanda; Rühle, Pfemfert, Broh e Fraenkel na Alemanha; e eles podem ser considerados como tais em razão de sua luta contra o conceito de governo partidário e controle estatal,

Pouco antes de sua morte, Rühle, resumindo suas descobertas a respeito do bolchevismo, não hesitou em colocar a Rússia em primeiro lugar entre os olhares totalitários. “Ele serviu de modelo para outras ditaduras capitalistas. As divergências ideológicas não diferenciam realmente os sistemas socioeconômicos. A abolição da propriedade privada nos meios de produção (combinada com) o controle dos trabalhadores sobre os produtos de seu trabalho e o fim do sistema de salários.” Ambas as condições, no entanto, não são cumpridas na Rússia, assim como nos estados fascistas.

Para deixar claro o caráter fascista do sistema russo, Rühle voltou-se mais uma vez ao Comunismo de Esquerda de Lenin - Uma Desordem Infantil, pois “de todas as declarações programáticas do bolchevismo era o mais revelador de seu caráter real”. Quando, em 1933, Hitler suprimiu toda a literatura socialista na Alemanha, relatada por Rühle, o panfleto de Lenin foi autorizado a ser publicado e distribuído. Nesta obra Lenin insiste que o partido deve ser uma espécie de academia de guerra de revolucionários profissionais. Suas principais exigências eram autoridade líder incondicional, centralismo

rígido, disciplina de ferro, conformidade, militância e sacrifício de personalidade para interesses partidários. E Lenin realmente desenvolveu uma elite de intelectuais, um centro que, quando lançado na revolução, era para capturar a liderança, e assumir o poder. "Não adianta tentar", disse Rühle, "Determinar logicamente e abstratamente se este tipo de preparação para a revolução é errado ou certo ... Outras questões devem ser levantadas primeiro; Que tipo de revolução estava em preparação? E qual foi o objetivo da revolução?" Ele respondeu mostrando que o partido de Lenin trabalhou dentro da revolução burguesa tardia na Rússia para derrubar o regime feudal do czarismo. O que pode ser considerado como uma solução para os problemas revolucionários em uma revolução burguesa não pode, entretanto, ser, ao mesmo tempo, considerado uma solução para a revolução proletária. As diferenças estruturais decisivas entre a sociedade capitalista e socialista excluem tal atitude. De acordo com o método revolucionário de Lenin, os líderes aparecem como líderes das massas. "Essa distinção entre cabeça e corpo", ressaltou Rühle, "entre intelectuais e trabalhadores, oficiais e privados, corresponde à dualidade da sociedade de classes. Uma classe é educada para governar; o outro a ser governado. A organização de Lenin é apenas uma réplica da sociedade burguesa. Sua revolução é objetivamente determinada pelas forças que criam uma ordem social que incorpora essas relações de classe, independentemente dos objetivos subjetivos que acompanham esse processo."

Certamente, quem quiser ter uma ordem burguesa, encontrará no divórcio entre o líder e as massas, a guarda avançada e a classe trabalhadora, a preparação estratégica certa para a revolução. Ao aspirar a liderar a revolução burguesa na Rússia, o partido de Lenin era altamente apropriado. Quando, no entanto, a Revolução Russa mostrou suas características proletárias, os métodos táticos e estratégicos de Lenine deixaram de ser valiosos. Seu sucesso não se devia à sua guarda avançada, mas ao movimento soviético que não havia sido incorporado em seus planos revolucionários. E quando Lenin, após a revolução bem-sucedida feita pelos soviets, dispensou esse movimento, todos os que haviam sido proletários na revolução também foram dispensados.

Lenin, diz Rühle, pensava em regras rígidas e mecânicas, apesar de toda sua preocupação com a dialética marxista. Havia apenas uma festa para ele - a dele; apenas uma revolução - a russa; apenas um método - o bolchevique. "A aplicação monótona de uma fórmula descoberta uma vez mudou-se em um círculo egocêntrico não perturbado pelo tempo e pelas circunstâncias, pelos graus de desenvolvimento, pelos padrões

culturais, pelas ideias e pelos homens. Em Lênin, veio à luz com grande clareza a regra da era das máquinas na política; ele era o "técnico", o "inventor" da revolução. Todas as características fundamentais do fascismo estavam em sua doutrina, sua estratégia, seu "planejamento social" e sua arte de lidar com os homens ... Ele nunca aprendeu a conhecer os pré-requisitos para a libertação dos trabalhadores; ele não se incomodou com a falsa consciência das massas e sua auto-alienação humana. Todo o problema para ele era nada mais do que um problema de poder. O bolchevismo, como representando uma política militante de poder, não difere das formas burguesas tradicionais de governo. A regra serve como o grande exemplo de organização. O bolchevismo é uma ditadura, uma doutrina nacionalista, um sistema autoritário com uma estrutura social capitalista. Seu "planejamento" diz respeito a questões técnico-organizacionais e não sócio-econômicas. É revolucionário apenas no âmbito do desenvolvimento capitalista, estabelecendo não o socialismo, mas o capitalismo de estado. Representa o atual estágio do capitalismo e não um primeiro passo em direção a uma nova sociedade ”. O bolchevismo, como representando uma política militante de poder, não difere das formas burguesas tradicionais de governo. A regra serve como o grande exemplo de organização. O bolchevismo é uma ditadura, uma doutrina nacionalista, um sistema autoritário com uma estrutura social capitalista. Seu "planejamento" diz respeito a questões técnico-organizacionais e não sócio-econômicas. É revolucionário apenas no âmbito do desenvolvimento capitalista, estabelecendo não o socialismo, mas o capitalismo de estado. Representa o atual estágio do capitalismo e não um primeiro passo em direção a uma nova sociedade ”. O bolchevismo, como representando uma política militante de poder, não difere das formas burguesas tradicionais de governo. A regra serve como o grande exemplo de organização. O bolchevismo é uma ditadura, uma doutrina nacionalista, um sistema autoritário com uma estrutura social capitalista. Seu "planejamento" diz respeito a questões técnico-organizacionais e não sócio-econômicas. É revolucionário apenas no âmbito do desenvolvimento capitalista, estabelecendo não o socialismo, mas o capitalismo de estado. Representa o atual estágio do capitalismo e não um primeiro passo em direção a uma nova sociedade”. Seu "planejamento" diz respeito a questões técnico-organizacionais e não sócio-

econômicas. É revolucionário apenas no âmbito do desenvolvimento capitalista, estabelecendo não o socialismo, mas o capitalismo de estado. Representa o atual estágio do capitalismo e não um primeiro passo em direção a uma nova sociedade”.

(no próximo número, será apresentado o restante do documento de Paul Mattick sobre Otho Rühle)